

Onze escolas e 230 alunos com língua chinesa no 10.º ano

Ensino. O MEC assinou um protocolo de cooperação com o Hanban (equivalente ao Instituto Camões em Portugal) no âmbito do ensino de Mandarim na escola pública. Onze secundárias abraçaram o projeto-piloto e 230 alunos já estão em aulas.

Este ano a escola começou cerca de uma semana mais tarde do que o habitual. O calendário definido pelo Ministério da Educação e Ciência (MEC) deu aos diretores escolares a liberdade de escolher o dia em que queriam começar as aulas, entre os dias 15 e 21 de setembro, mas as aulas de Mandarim, no ensino público, arrancaram apenas no início de outubro, devido ao atraso na emissão dos vistos de trabalho concedidos aos professores vindos da República Popular da China.

A oferta da língua chinesa é uma das novidades que foram propostas este ano letivo aos alunos. O reforço das línguas estrangeiras foi, mesmo, a maior novidade no regresso às aulas.

Entre elas conta-se, então, o ensino do Mandarim, implementado este ano, em 11 escolas do ensino secundário público que se candidataram para integrar o projeto-piloto lançado pelo MEC, que inicialmente incluía 21 escolas, de Norte a Sul do País.

A oferta da língua chinesa, aos alunos do 10.º ano dos cursos Científico-Humanísticos, consolidou-se em metade das escolas que se candidataram. Risco que estava contabilizado uma vez que o número final de estabelecimentos de ensino

a integrar o projeto-piloto estaria sempre dependente do número de alunos matriculados na disciplina. Situação que o Diário de Todos procurou apurar junto de algumas escolas após o encerramento das matrículas.

Na lista final do projeto-piloto do MEC estão a Escola Secundária Dr.ª Laura Ayres, em Quarteira, Loulé; a Escola Secundária Soares de Basto, em Oliveira de Azeméis; a Escola Secundária Oliveira Júnior, em São João da Madeira; a Escola Secundária D. Duarte, em Coimbra; a Escola Secundária José Estevão, em Aveiro; a Escola Secundária D. Sancho II, em Elvas; a Escola Secundária D. Pedro V, em Lisboa; a Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira; a Escola Básica e Secundária Anselmo de Andrade, em Almada; a Escola Secundária Augusto Gomes, em Matosinhos; e a Escola Secundária Eng. Acácio Calazans Duarte, na Marinha Grande.

Mandarim: cada vez mais idioma de comunicação em Portugal e no mundo

Das onze escolas que participam neste ano no projeto, um dos casos de maior adesão à nova disciplina ocorreu na Es-

cola D. Sancho II, em Elvas. Dos 192 alunos do 10.º ano, 41 alunos escolheram Mandarim “16 como língua curricular e 25 como extracurricular”, inscritos em Inglês e Espanhol, indicou a diretora Fátima Pinto.

E o interesse foi tanto que “por iniciativa da Escola, os alunos do 11.º e 12.º anos também frequentam este ano um curso intensivo de Mandarim” com duas horas por semana.

Naquela escola do Alentejo, quase na raia de Espanha, as aulas não tiveram início no primeiro de outubro como estava previsto, “houve alguns atrasos na vinda do docente que aguarda que esteja tudo legalizado com o visto” para poder trabalhar em Portugal, acrescentou a diretora, visivelmente satisfeita com a adesão à novidade.

“Para primeiro ano e no sítio onde estamos, tão perto de Espanha... onde os alunos têm proximidade com uma língua viva, correu bem”. Fátima Pinto contou que a Escola concorreu

para integrar o projeto-piloto do MEC porque “o Mandarim é a língua mais falada do mundo, a China é um mercado emergente e quisemos oferecer mais possibilidades aos nossos alunos”. Além de que, antes da língua chinesa chegar à escola de Elvas, o interesse já estava instalado.

“Três dos nossos antigos alu-

nos frequentam a licenciatura de Mandarim em Leiria. Achei que seria interessante, que os alunos estariam interessados, e estão”, afirmou.

Para ajudar em sala de aula, o professor chinês conta com o apoio de um professor de línguas que falará em inglês aos alunos. Uma necessidade porque “o sistema de ensino

Língua chinesa: projeto-piloto do MEC ano letivo 2015/2016



português é muito diferente do chinês”, ressalva a diretora.

A Secundária D. Duarte, em Coimbra, é outra escola onde os alunos manifestaram interesse pela língua chinesa. Dos 73 alunos do 10.º ano que poderiam ter escolhido Mandarim, neste ano letivo, 30 decidiram arriscar a novidade. Inscritos estão “15 alunos na componente geral e outros 15 na componente específica”, explica ao DDT o diretor adjunto da Escola, Paulo Martins.

Tal como as anteriores, a Escola Secundária Eng. Acácio Calazans Duarte, na Marinha Grande, conseguiu constituir uma turma de Mandarim com 16 alunos, num universo de 40. Na realidade “a Escola tem 200 alunos no 10.º ano, mas apenas 40 em cursos de formação específica de línguas e humanidades”, diz o diretor Cesário Silva.

Isto porque “as escolas optam-se a oferta de Mandarim será nos cursos todos dos Científico-Humanísticos, ou apenas em línguas e humani-

Isabel Moura da direção da Escola.

Mas a Escola não quis perder tempo e integrou, no início de outubro quando o DDT contactou a Escola, os alunos em turma e em aulas “com um professor a ensinar as tradições e cultura da China”, adianta a responsável. Até porque, a Escola candidatou-se ao projeto pela vontade de “ter disponível uma língua cada vez mais importante no mercado de trabalho”. E se a oferta representa uma “mais-valia em termos de futuro”, há que pôr mãos à obra no presente.

Naquela escola do norte do País inscreveram-se 20 alunos dos 56 que poderiam candidatar-se, e são “duas turmas que funcionam ao mesmo tempo em aula”, explica Ana Isabel Moura. Apesar da adesão considerada “muito boa” pela professora, dado “as circunstâncias”, Ana Isabel acredita que poderia ser melhor se a chegada do projeto de Mandarim não fosse “tardia”, uma vez que “os alunos realizaram matrículas em julho”, no mesmo mês que o MEC assinou o protocolo de cooperação com o Hanban.

Sobre as dificuldades encontradas diz estarem em “working process”, ou seja “vão-se contornando à medida que o processo decorre”.

Já a Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira, conta com 145 alunos no 10.º ano e 21 inscritos em Mandarim. As aulas começaram no dia 29 de setembro. Relativamente à adesão dos alunos, “tratando-se de uma nova opção” a diretora Vera Lúcia Borges considera que “tiveram alguma precaução na escolha desta nova disciplina, que iria substituir o Inglês”, contudo “o interesse tem vindo a aumentar progressivamente” diz. “Os alunos do 12.º ano e do curso profissional de turismo, do 10.º ano, também já mostraram desejo em frequentar esta disciplina”.

Tal como as outras escolas do país que tomaram a iniciativa de candidatar-se ao projeto-piloto do MEC, a Escola Reynaldo dos Santos “está sempre aberta a novos desafios”, entendendo que o Mandarim “pode constituir uma mais-valia para o futuro profissional dos nossos alunos, não podíamos deixar de abraçar esta oportunidade, proporcionando-lhes,

MATERIAL DE ESTUDO

Manuais de Mandarim vindos da China

Os manuais escolares utilizados pelos alunos de Mandarim já estão na posse dos alunos. Vieram da República Popular da China e foram cedidos gratuitamente aos alunos portugueses pelo governo chinês, explicou o ministro Nuno Crato. Com a ajuda dos manuais escolares pretende-se que os alunos alcancem os objetivos propostos pelo MEC, nomeadamente nos nove domínios de referência (domínio intercultural, fonologia, caracteres e léxico, gramática, compreensão oral, interação oral, produção oral, leitura e escrita). Nos dois anos de aprendizagem (10.º e 11.º anos) dá-se destaque ao léxico contextualizado. No final do período de estudo, os alunos devem compreender definições básicas de matérias relacionadas com o quotidiano e outras temáticas. Assim, os alunos devem ser capazes de ler, reconhecer e produzir corretamente frases, recorrendo a cerca de 500 palavras, bem como adquirir noções básicas da cultura chinesa, numa perspetiva intercultural.



assim, a aprendizagem desta língua, na própria escola”, refere Vera Lúcia Borges.

Sem dificuldades “até ao momento”, a responsável sublinha que “todo o processo tem estado a ser acompanhado, por perto, pela tutela que, na hora, nos tem esclarecido sobre as questões surgidas”.

As orientações curriculares foram preparadas por um grupo de trabalho coordenado pela Direção-Geral da Educação (DGE) e que integrou igualmente representantes indicados pelas seis Instituições de Ensino Superior que acompanham as escolas nos diversos distritos e parceiros que colaboram com o MEC neste projeto. Estas orientações curriculares para o ensino do Mandarim já estão disponíveis no portal da DGE (www.dge.mec.pt).

Durante este ano letivo o projeto será acompanhado e monitorizado por um grupo de trabalho que integrará elementos da DGE, da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE), das escolas, das seis Instituições de Ensino Superior envolvidas e que deverá elaborar um relatório sobre o seu funcionamento e, no fim do próximo ano letivo, um relatório final de avaliação.

E tal como referiram os diretores das diversas escolas contactadas pelo DDT, o protocolo, assinado pelo Ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato, e pelo então Embaixador da República Popular da

China, Huang Songfu, define os termos da colaboração entre o MEC e o Hanban, nomeadamente a cedência graciosa de professores chineses, a sua colocação nas escolas portuguesas e a colaboração das instituições de ensino superior para o acompanhamento desses docentes.

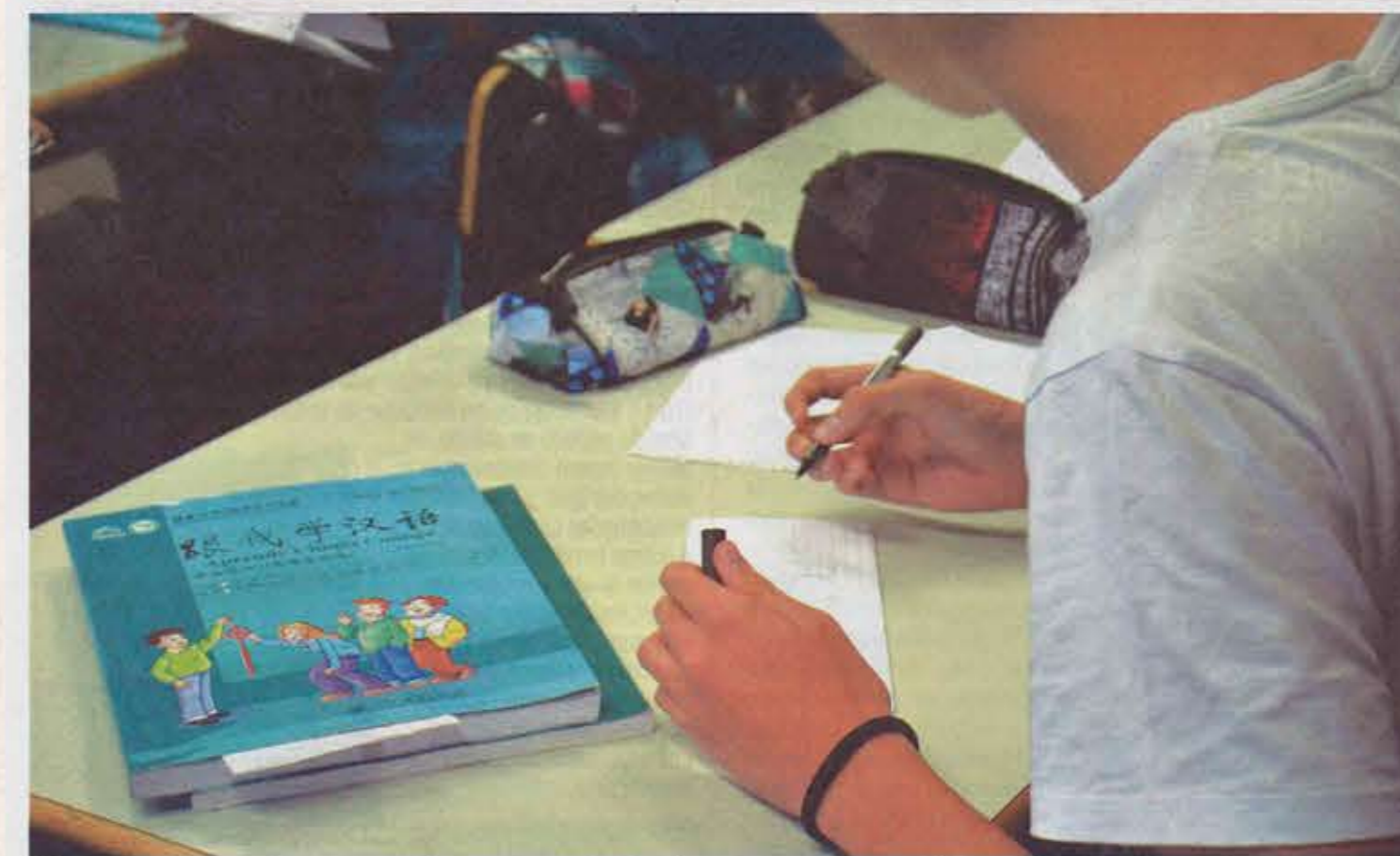
O Ministério da Educação e Ciência assinou em julho um protocolo de cooperação com o Hanban que surge na continuidade do Programa Executivo de Cooperação que os Governos de Portugal e da China tinham assinado em maio do ano passado, em Pequim, com vista a uma maior colaboração nos domínios da língua, da educação e da cultura, entre outros.

Na ocasião, o Ministro da Educação e Ciência, Professor Nuno Crato, que integrava a comitiva do Presidente da República, estudou a possibilidade de o Mandarim ser introduzido em algumas escolas, iniciando contactos com a Presidente do Hanban, Professora Xu Lin, tendo em conta a crescente procura que o Mandarim tem registado no nosso País.

A importância do Mandarim

É consensual que ter fluência em vários idiomas aumenta as oportunidades no mercado de trabalho. O Mandarim começa agora a ser exigido por multinacionais com instalações na China.

Paula Mourato



Aluno em sala de aula já na posse dos manuais de Mandarim que chegaram da República Popular da China

Escolas querem ter língua oficial chinesa no próximo ano letivo

Novidade. Algumas das escolas que inicialmente faziam parte do projeto-piloto do MEC, manifestaram interesse em ter Mandarim no plano curricular dos alunos em 2016.

No âmbito de um projeto-piloto do MEC, os alunos do 10.º ano dos cursos Científico-Humanísticos – que inclui ciências e tecnologias, ciências socioeconómicas, línguas e humanidades e artes visuais – poderiam escolher Mandarim, uma vez que a língua oficial da China passou a ser uma das opções de Língua Estrangeira III, mas na cabeça dos alunos (ou dos encarregados de educação) a escolha não se apresentou fácil, quando essa oferta obrigava a “abdicar” de Inglês.

A Escola Secundária Viriato, em Abraveses, Viseu, apresenta-se como um caso particular. Com apenas uma turma de línguas e humanidades, de 29 alunos, o diretor Carlos Alberto admite que “não foi possível” constituir uma turma. Apesar de o protocolo do MEC indicar que o número mínimo parmas as escolas formarem turmas seria de 20 alunos, a realidade mostra que o Ministério aca-

bou por autorizar turmas mais pequenas com 12 alunos, é o caso da Escola Básica e Secundária Anselmo de Andrade, em Almada, como explicou ao DDT a diretora Maria Margarida Lucerna. Ou ainda o caso da Escola Secundária Oliveira Júnior, em São João da Madeira, que segundo o diretor Alexandre Gomes “recebeu uma autorização especial” para formar uma turma com 16 alunos, apesar de a Escola ter quatro turmas de 10.º ano, num total de 200 alunos.

Mas a Escola de Viseu tem um plano de oferta pós-laboral. “Ainda temos esperança de constituir uma turma para adultos, em regime pós-laboral”, diz o diretor Carlos Alberto. A insistência do diretor prende-se com o “interesse” de muitas pessoas, “muitas delas já licenciadas em várias áreas” mas que querem aprender Mandarim. Para realizar com sucesso esta iniciativa a Esco-

As escolas candidataram-se ao projeto-piloto do MEC por entenderem que a oferta da língua chinesa será uma mais-valia para os seus alunos

O ministro explicou o facto de existirem hoje no projeto menos escolas do que inicialmente previsto com motivos “logísticos”

la está em conversações com o Politécnico de Viseu que apoia o docente que veio da China. Se tudo correr bem, as aulas ocorrem “em período noturno com início às 18:20” na Escola Secundária Viriato.

A “falta de matrículas” em metade das escolas que inicialmente estavam no projeto, teve como causa a tardia “divulgação” e a “incompatibilidade de horários” dos vários alunos potencialmente interessados, inscritos em duas componentes, e encarregados de educação para expor e explicar a importância da opção de Mandarim”, concluiu António Carvalho, esperançado que para o próximo ano seja diferente.

No dia 6 de outubro, aquando da visita à Escola Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira, o ministro explicou o facto de haver Mandarim em menos escolas do que inicialmente previsto com motivos “logísticos”.

coisas”. Quando chegou a confirmação do MEC para avançar com o projeto “os alunos já estavam matriculados”, uma vez que as matrículas ocorreram em julho, e “inicialmente estava previsto que só alunos de línguas e humanidades teriam acesso. Apenas em setembro o MEC comunicou à Escola (João de Deus) que a oferta poderia ser alargada” a todos os cursos dos Científico-Humanísticos, garantiu Carlos Luís. Nesse contexto, o universo de 60 alunos de 10.º ano preferiu não arriscar “substituir o Inglês pelo Mandarim”, justificou.

A Secundária de Santa Maria da Feira também não implementou a língua chinesa neste primeiro ano do projeto. Os 336 alunos de 10.º ano não optaram por Mandarim. Os alunos das 12 turmas manifestaram preferir aprender a língua como opção “extracurricular”, apurou o DDT.

O cenário na Escola Fernão Mendes Pinto, em Almada foi ligeiramente diferente. A diretora adjunta, Fátima Amaral, contou que “ainda se inscreveram três alunos”, dos 266 alunos do 10.º ano, o que “não foi suficiente” para constituir uma turma.

Também a Escola Secundária Francisco de Holanda, em Guimarães, a Escola Secundária D. Inês de Castro, em Alcobaca, e a Escola Secundária Nuno Álvares, em Castelo Branco, acabaram por deixar cair o ensino da língua chinesa este ano. “Não houve inscrições” explicou ao DDT António Carvalho, diretor do Agrupamento escolar de Castelo Branco, referindo, no entanto, “o interesse dos alunos”. Mas a “inquietação dos pais” e o “tempo relativamente curto” para a divulgação da disciplina “numa altura em que já não estavam em atividades letivas” não ajudou a que os 240 alunos optassem por Mandarim. “Foi difícil contactar os alunos e encarregados de educação para expor e explicar a importância da opção de Mandarim”, concluiu António Carvalho, esperançado que para o próximo ano seja diferente.

No dia 6 de outubro, aquando da visita à Escola Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira, o ministro explicou o facto de haver Mandarim em menos escolas do que inicialmente previsto com motivos “logísticos”.

Paula Mourato